

PT.105**EVALUATION OF BAIT FLAVORS FOR POTENTIAL USE IN ORAL RABIES VACCINE DELIVERY TO FERAL DOGS (*Canis familiaris*)**

Bender SC¹, Bender P², Hausig K³, Berentsen A⁴, Bergman DL⁵, VerCauteren K⁴ – ¹Navajo Nation – Navajo Nation Veterinary Program, ²USDA – APHIS-Wildlife Services, Phoenix, Arizona, USA, ³USDA – APHIS-Wildlife Services, Phoenix, Arizona, ⁴USDA – APHIS- Wildlife Services- National Wildlife Research Center, Fort Collins, Colorado, ⁵USDA – APHIS Wildlife Services, Phoenix, Arizona

It is estimated that less than 20% of domestic dogs on tribal lands in the United States are vaccinated against rabies. One potential method to increase vaccination rates may be the distribution of oral rabies vaccines (ORV). ONRAB[®] is the primary ORV bait used in Canada to vaccinate striped skunks and raccoons. Research has suggested the most common non-target animals that may ingest these baits are feral domestic dogs.

To further investigate the potential use of ONRAB[®] ORV baits to vaccinate feral domestic dogs against rabies on tribal lands, we performed a flavor preference study to increase ORV acceptance. Seven bait flavors (bacon, cheese, dog food, hazelnut, marshmallow, peanut butter and sardine) were offered in pairs to 13 domestic dogs.

Each dog was offered all possible combinations of bait pairs over a period of ten days, with each bait offered six times. The proportion of times each bait was consumed first by individual dogs was calculated and comparisons among dogs were conducted. Dog food was selected first 56% of the time, and more frequently than all other bait types ($F = 13.09$, $P = 0.0005$) although bacon was close second at 54%. Marshmallow was selected first during 14% of offerings and exhibited the least preference among all bait types ($F = 22.46$, $P < 0.0001$). A more extensive evaluation is planned, preliminarily; dog food or bacon flavored ORV baits appear to be good choices for optimizing bait ingestion by feral domestic dogs.

PT.106**PROFILAXIA DA RAIVA HUMANA: COMPARAÇÃO DOS ATENDIMENTOS MÉDICOS NOTIFICADOS EM 2001 E 2011 NO ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL**

Omoto TM¹, Takaoka NY¹ – ¹Instituto Pasteur

A raiva, doença infecciosa quase sempre fatal, pode ser prevenida com profilaxia específica. A profilaxia da raiva humana pode ser realizada pré ou pós-exposição ao vírus da raiva, utilizando-se vacina contra raiva humana e soro antirrábico de acordo com recomendações específicas. Os imunobiológicos (vacina de cultivo celular e soro antirrábico) estão disponíveis gratuitamente nos serviços de saúde da rede pública do Brasil. Os acidentes com animais mamíferos considerados de risco para a transmissão da raiva são monitorados pelo Sistema de Vigilância Epidemiológica, através de notificações dos atendimentos realizados nas unidades de saúde no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Nos últimos onze anos a média anual de atendimentos realizados pelas unidades de saúde do Estado de São Paulo foi de 107491 notificações, com a taxa de 27 atendimentos por 10000 habitantes; sendo que 41% receberam imunoprofilaxia contra raiva e a taxa de abandono de 13,8%. No ano de 2001 foi notificado o último caso de raiva humana no estado de São Paulo, por variante de morcego, cujo animal agressor foi um gato. Em 2001 foram notificados 117599 atendimentos médicos, com 99,9% de casos de pós-exposição, de 95,8% dos 645 municípios, taxa de profilaxia humana de 35,1% e taxa de abandono de 12%. Quanto às espécies animais envolvidas nos atendimentos notificados, os cães e gatos foram os principais agressores responsáveis pela procura do atendimento médico, respondendo por 86% do total. No ano de 2011, dados preliminares revelam que de 117486 atendimentos notificados, 98% foram de pós-exposição, em 98,3% dos municípios, com taxas de profilaxia humana de 49,3% e 14,2% de abandono. Os cães e gatos corresponderam a 96% do total de espécies. Após o período de 11 anos, apesar da discreta diminuição no número de atendimentos notificados, chama atenção o aumento dos casos em que o morcego foi o responsável pela profilaxia em 2011; e também a diminuição dos registros sem especificar a espécie animal envolvida. Persistem ainda inconsistências nos registros dos bancos de dados, gerados eletronicamente, dificultando uma análise rápida e aprofundada dos mesmos.